

Como Se Eu Fosse Plural

Pedro de Souza
UFSC

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que procura examinar, sob o aspecto discursivo, o problema da constituição e da expressão da subjetividade na história do movimento homossexual na década de 80.¹ Emprego o termo subjetividade para designar um certo universo imaginário da experiência vivida, em que o indivíduo se percebe como unidade separada e diferenciada ao lado de outros com os quais partilha o mesmo espaço social de confrontos e coerções. Trata-se aqui do esforço historicamente determinado de busca de si de que fala Foucault no conjunto de sua obra.²

Para desenvolver essa investigação, propus uma análise discursiva da correspondência enviada ao Somos - Grupo de Afirmação Homossexual, principal agremiação de ativistas que atuou em São Paulo e no Rio de Janeiro na luta pela liberação e

pela afirmação das identidades homossexuais. O corpus foi construído a partir de cartas pessoais de indivíduos que não militavam no grupo nem tinham ligação com qualquer tipo de ativismo político no que dizia respeito à causa homossexual.

A análise que apresento a seguir me foi inspirada por uma dupla curiosidade: observar que modalidade de enunciação sustenta, no campo do ativismo homossexual, a fala de si como sujeito identificado a uma prática sexual e verificar até que ponto o ativismo em prol da afirmação de uma minoria sexual motiva a confissão pública da escolha homossexual. Em outros termos, a análise da correspondência enviada ao Grupo Somos deve conduzir a compreender o processo interlocutivo pelo qual se pode estabelecer a distinção entre as formas enunciativas da confissão e da confidência, delineando respectivamente os domínios do público e do privado.

Na carta selecionada para estudo neste artigo, proponho dois focos de análise. O primeiro consiste em levantar as marcas de enunciação que identificam posições do sujeito da prática homossexual ao longo da narrativa epistolar. O segundo está ligado ao estatuto institucional do Grupo Somos como desencadeador discursivo de gestos subjetivos de leitura e expressão de si. Trata-se de focalizar a inserção institucional do Somos naquilo que diz de si o remetente da carta, bem como de observar de que maneira o Somos é constituído enquanto interlocutor no imaginário daqueles que escrevem.

Tomo então como objeto de análise a seguinte carta, datada de 28 de julho de 1981:

Oi gente

Estou escrevendo-lhes por que li o recadinho de vocês na revista homem nº35. Olha! Eu quero saber tudo sobre homossexualismo e se possível em detalhes viu?

Queria conhecer muitas pessoas do grupo de vocês se possível com mais idade do que eu.

Assim que li o recado de vocês fiquei curiosíssimo porque tenho muitos amigos homossexuais em todo lugar, quase todos não querem assumir porque dizem que a sociedade não aceita.

Porque esse preconceito? Será que esses homens e mulheres não são seres humanos também? Será que eles não podem andar tranquilamente nas ruas sem que alguém critique-os?

Muitas pessoas dizem que todos os homossexuais deveriam ser exterminados, e o que eu acho impressionante é que todos concordam.

Concordam sem ao menos saber o que os leva a fazerem isso, porque se sentem atraídos pelo mesmo sexo, não tentam entender e ainda dizem:

“Eu prefiro ser um ladrão ou assassino do que ser isso”.

Agora falando de mim: tenho 15 anos, 1,70 m, 55kg...

Tranzo com ambos os sexos. Com homens, vocês sabem, eles arreiam a calça e acontece... vocês sabem o que.

Mais uma vez um amigo meu de escola me convidou para transar, mas foi diferente, ele queria ser amado por mim, e ele me amaria também. Foi o

caso mais comum que poderia ter acontecido em minha vida. Transamos como um casal na primeira noite de amor, ele chupou o pênis, eu chupei o dele mas não por vontade própria não aceitamos penetração.

Outra vez numa ilha aqui de.... eu transei com um homem de 31 anos, paulista, branco, bonito e amigável. Foi a transa que eu gostei mais.

Transamos ao sabor das ondas, e ao som do vento em nosso corpo, sobre a areia se tocando (romântico não?). Foi uma transa onde só houve amor e mais nada.

Por favor, ajudem-me, minha família descobriu uma transa minha e puseram-me uma noite para fora de casa. Já pensei até em suicídio, fugir de casa e todas aquelas besteiras, façam tudo o que der para me ajudar. Se mais alguém de... escrever para vocês dê-me o endereço através de carta que eu entrarei em contato imediatamente.

PS. Escrevam-me sobre pseudônimo para minha família não descobrir tá?

Tchau!

Nada mais representativo da correspondência dirigida ao Somos do que essa carta. Seu desenvolvimento, incluindo a abertura e o fechamento, contém marcadores de um modelo de narrativa epistolar estruturado pelo traço confidencial e autobiográfico. O modo como se dá linguisticamente a referência ao outro é um dos sinais que nos remete a essas duas dimensões típicas da enunciação epistolar. A propósito desse aspecto, destaco aqui os seguintes fragmentos de enunciação correlativos ao paradigma das formas de tratamento disponíveis na língua para abrir e fechar uma carta, compondo

o quadro de interlocução contextualmente adequado.

|1| 'oi gente'

|2| 'tchau'

Opto aqui por guiar a apreensão da carta em análise em seu processo de interlocução. O jogo interlocutivo nas práticas de escritura epistolar centraliza a relação remetente/destinatário. Trata-se, conforme diz Eni Orlandi ao considerar as posições de escritor/leitor no discurso escrito, de um domínio parcial que só se configura integralmente na superfície textual.³ A detenção do jogo de efeito de sentido encontra-se nos dois interlocutores que, ao jogar, efetuam cruzamentos discursivos marcando a especificidade de suas posições.

Assim, os recortes |1| e |2| chamam atenção para o modo de constituição do interlocutor. Os fragmentos retirados da carta podem ser associados a um domínio de regras lingüísticas que orientam a referência ao destinatário nos diferentes tipos de correspondência. Tais regras definem as condições de maior ou menor formalidade, segundo as quais devem funcionar as marcas formais de tratamento para reger uma certa relação interlocutiva. Conclui-se daí que os recortes em destaque apontam para uma estrutura de enunciação em que a regra é destituir o jogo interlocutivo de qualquer formalidade.

Desse modo, vê-se que o interlocutor, na posição de destinatário, está posto no mesmo espaço discursivo do remetente. A estruturação da interlocução aqui denota o efeito da consideração do outro como cúmplice do próprio enunciado, ou, dito de outro modo, do enunciado daquele que diz *eu* nessa enunciação. Entendo que a construção do outro — o destinatário —, através de marcas lingüísticas de tratamento que conotam proximidade, é, nessa carta, um traço do tom

confidencial recorrente na correspondência enviada ao Grupo Somos.

Outro aspecto importante a observar é a maneira pela qual o discurso da afirmação, inerente ao campo enunciativo do movimento homossexual, está presente nessa carta. Essa presença se dá sob o estatuto da exterioridade, isto é, como pontos de entrada da fala do outro, particularizando um funcionamento da heterogeneidade enunciativa e estabelecendo um modo de relação do interior com o exterior do discurso da carta. Vejamos como, nos recortes a seguir, destacam-se as marcas de heterogeneidade — o distanciamento entre o eu que se enuncia na carta e o eu pré-construído na formação discursiva da afirmação que sustenta as condições de enunciação próprias do espaço epistolar em questão:

|3| *Estou escrevendo-lhes porque li o recadinho de vocês na revista homem n° 35.*

|4| *quase todos não querem assumir porque dizem que a sociedade não aceita.*

|5| *Por que este preconceito?*

|6| *Será que eles não podem andar tranquilamente nas ruas sem que alguém critique-os?*

|7| *Muitos dizem que todos os homossexuais deveriam ser exterminados*

|8| *e o que eu acho impressionante é que todos concordam*

|9| *Concordam sem ao menos saber o que os leva a fazerem isso, por que se sentem atraídos pelo mesmo sexo*

|10| *não tentam entender e ainda dizem: “Eu prefiro*

ser um ladrão ou assassino do que ser isso”

|11| *Agora falando de mim.*

O que define o discurso próprio dos enunciados recortados acima é a relação deles com outros do campo enunciativo da homossexualidade. Adoto aqui o conceito de enunciado como uma unidade discursiva que se produz na/pela enunciação, caracterizando-se como um elemento de uma prática discursiva imbricada com uma prática social. Vale dizer que as palavras que circulam em uma sociedade têm diferentes relações de sentido com as múltiplas ações que recortam essa mesma sociedade.

Tal imbricação é que, segundo Maingueneau, sintetiza a idéia de “comunidade” discursiva.⁴ Nessa perspectiva, é plausível associar essa noção à de “comunidade homossexual”, difundida entre teóricos e historiadores dessa categoria de minoria sexual. Trata-se, entretanto, de uma alusão não ao conjunto de agentes sociais que se organizam em defesa da afirmação homossexual, mas sim ao conjunto de enunciados que delineiam discursos de afirmação. Comunidade discursiva é uma noção que passa assim a designar, nesse caso, uma prática social particular indissociável de uma prática discursiva correspondente.

Desse modo, as relações de sentido que singularizam a carta decorrem de espaços discursivos que se inter cruzam, erigidos tanto dentro quanto fora do movimento de afirmação homossexual. Refiro-me aqui aos meios expressivos mobilizados para falar da questão homossexual, a saber, o discurso religioso, o acadêmico, o literário, o jornalístico, o panfletário, etc. Aparecem aí formações discursivas no âmbito das quais as formulações dessa carta mobilizam interdiscursivamente posições de sujeito.

Vê-se, então, de |4| a |10|, enunciados produzidos em dois planos de enunciação. Estes podem ser designados mediante os termos propostos por Maingueneau: intertexto interno e externo. O intertexto interno compõe-se de fórmulas de enunciados correlatos ao mesmo espaço discursivo em que a carta funciona. Diz respeito à citação, no interior das cartas pessoais, de panfletos, manifestos, informativos produzidos para fazer circular a causa homossexual. Já o externo inclui citações remetidas a espaços outros de enunciados, nos quais se estende a formação discursiva referente à afirmação identitária da minoria em questão. Trata-se da menção de textos em favor ou contra a prática homossexual. Textos esses que circulam fora do espaço discursivo da militância gay — grande imprensa, periódicos universitários, obras científicas.

A intertextualidade, no caso das cartas dirigidas ao Somos, pode então ser abordada como um funcionamento enunciativo, ou seja, como uma maneira, através de certas formas de linguagem, de os indivíduos tornarem-se sujeitos de sua transgressiva prática sexual. O específico desse funcionamento é o de correlacionar diferentes espaços discursivos em curso no mesmo campo. Exemplo dessa operação é a que se apresenta pela inserção do recorte [3], que funciona como expressão referencial de um intertexto externo. Pelo emprego dessa expressão — na revista *Homem* n° 35 — fica implicitamente citado o texto de uma reportagem e explicitamente referido um espaço discursivo exterior aos da militância, onde também circulam discursos de afirmação homossexual. No caso, trata-se da circulação de informações sobre as atividades do Grupo Somos naquele período. Com esse dado, tem-se que, além das cartas, há outros meios de expressão onde os indivíduos encontram espaço para exercer uma clandestina forma de subjetividade.

Mediante essa citação, estabelece-se na superfície da carta uma linha divisória entre os planos de enunciação do público e do

privado. O primeiro focaliza, no âmbito exterior, o espaço discursivo jornalístico, co-extensivo a panfletos, boletins mimeografados, filipetas, materiais de comunicação dirigida. Estes são enfim os espaços próprios do discurso militante da afirmação dos excluídos em causa. O segundo plano enunciativo delimita, nos termos de uma modalidade confidencial, o espaço discursivo epistolar.

O lugar do outro no discurso dessa carta é também uma importante tática no jogo da construção interlocutiva. A estratégia é posicionar-se na mesma perspectiva do destinatário, produzindo aí um efeito de proximidade. Por isso o remetente alude aos termos fundamentais que conformam o discurso da militância homossexual: a negação e a afirmação. O procedimento enunciativo aí reside na construção de uma posição de sujeito que, do exterior, define o lugar de fala contraposto ao da afirmação, ou seja, focaliza-se na fala do outro um modo de negação de si.

As formas lingüísticas presentes respectivamente nos recortes |4|, |6|, |7| e |8| — a saber, “todos dizem”, “eles não podem”, “muitos dizem”, “concordam” — indicam marcas da posição do outro. Trata-se da marcação pronominal e verbal de indeterminação do sujeito do enunciado. Tais formulações lingüísticas apontam uma maneira de dizer em que o eu da enunciação, por um lado, aparece engajado no discurso da afirmação e, por outro, encontra um modo não comprometido de inscrever-se no discurso da negação. O efeito de sentido resultante desse modo de enunciar-se é a denúncia segundo a qual são os outros homossexuais que negam a si mesmos.

Em outros termos, ao longo de seu desenvolvimento, essa carta evidencia práticas discursivas que oscilam entre a negação e a afirmação, mobilizando marcas de heterogeneidade que se explicitam na maneira de o remetente se expor. Dito de

outro modo, os recursos lingüísticos que destacamos na carta em análise apontam estratégias de exposição de si que remetem para o discurso do outro a perspectiva da negação de si enquanto homossexual. É o complexo jogo de quem, por múltiplos impedimentos, quer falar de si sem se revelar. Mais uma atestação de que a escrita epistolar é uma prática que se exerce no isolamento, num jogo ambíguo de distanciamento e proximidade.

Isso posto, pode-se considerar uma posição enunciativa E1 que integra um conjunto de formulações do âmbito do pré-construído. Ou seja, o que se diz na carta é parte de um universo de sentidos previamente estabelecidos. Do ponto de vista da identificação de quem diz, o modo de dizer rearticula formulações pré-contruídas, perfazendo relações contextuais muito particulares. A maneira de dizer aqui funciona produzindo como efeito a negação de si no discurso do outro.

Enunciados como os que aparecem nos recortes |7| e |8| denotam uma posição de sujeito estranha ao contexto discursivo pertinente ao movimento homossexual. Nesse setor ativista, é como se só os não atingidos pelo discurso da consciência afirmativa pudessem negar a própria identidade homossexual. Ao aludir esse pressuposto, a menção do referido enunciado propicia ao remetente da carta, no exercício próprio e legitimado da correspondência epistolar, engajar-se na posição de sujeito da afirmação.

Outro conjunto de enunciados pode ser alinhado a uma posição enunciativa E2 — a negação de si — que se situa no interior do próprio discurso de afirmação, produzindo aí um corte, cujo efeito é o da resistência à proposta política de revelação de si determinada na prática discursiva do movimento homossexual. Pode-se dizer que a resistência designa a contradição inerente à formação discursiva da

afirmação homossexual.

Em |4|, por exemplo, essa contradição se manifesta dando lugar a diferentes posições de sujeito. O remetente se engaja em perspectivas a que estão correlacionadas formulações de sentidos excludentes e concomitantes no mesmo campo discursivo. Elas podem ser glosadas assim: “todos os homossexuais querem assumir”, “nem todos os homossexuais querem assumir” ou “alguns homossexuais querem assumir”. Esse processo de efeito de sentido escava na carta um lugar de expressão da resistência. Desse lugar, emerge o sujeito que resiste à confissão, decorrente do ato de assumir, e faz da narrativa epistolar uma modalidade de enunciação confidencial.

O recorte |11| pontua um salto no curso da carta. Há uma mudança de foco, introduzindo, no fluxo da fala, uma outra modalidade de distanciamento. Ao dizer “agora falando de mim”, o aspecto heterogêneo da enunciação é manifestado por uma não-coincidência entre o eu engajado na afirmação homossexual e o eu referido a si pela própria maneira de dizer-se homossexual.

Nesse ponto, é importante assinalar os primeiros marcadores que descrevem o processo de enunciação pelo qual o ato de se subjetivar opõe-se ao de assujeitar-se. Isso significa dizer que, conforme o modo lingüístico através do qual o indivíduo se refere a si em dados contextos, a subjetividade pode resultar da ação de uma dessas pressupostas instâncias discursivas: ou a da autonomia criativa, ou a da dependência impositiva.

No contexto em questão, esse fenômeno leva a observar como, do ponto de vista dos efeitos de subjetivação, o sujeito da homossexualidade é produto de um dobramento sobre si,

provocado pela incitação exterior a falar de sua prática sexual. A injunção a dizer, a revelar, como condição da afirmação identitária, traz à tona o gesto do dobrar-se sobre si. Discursivamente, isso significa o emprego de recursos de linguagem, cujo efeito é a pessoa falar de si a partir de si mesma, de instâncias resguardadas da exposição pública.

Esse fenômeno de dobramento intervém no discurso político de afirmação homossexual delineando e singularizando um outro lugar de enunciação. Tudo se passa como se o indivíduo pudesse abstrair-se da determinação coletiva que lhe subjaz e falasse a partir de um plano que lhe é individualmente próprio e singular.

A partir da formulação “agora falando de mim” dá-se uma ruptura no fio do discurso da carta. Há uma mudança no cenário dessa narrativa epistolar. No movimento discursivo da carta, arquiteta-se outro fluxo de produção de sentido. A referida expressão soa como uma sinalização. Os sentidos passíveis de ser interpretados agora vêm de outra posição de sujeito. Para relatar suas experiências pessoais, há que se trazer à cena uma forma diversa de subjetividade. Daí o emprego da referida locução verbal tal como uma vinheta colocada entre um bloco e outro de um programa de televisão. Ela anuncia que o locutor passa a falar de um lugar enunciativo diferente e, por efeito dessa alternância, a partir da seqüência seguinte, outro sujeito passa a narrar.

Precisamente nesse ponto da carta, pode-se observar o deslocamento para o plano discursivo próprio a determinadas categorias de narrativa, na qual se inclui o gênero epistolar. Certamente essa forma de narrar impõe-se historicamente como um dos lugares de inscrição do discurso amoroso. Desse modo, no contexto em questão, a subjetividade não é mais um produto da relação do indivíduo com os discursos coletivos de afirmação homossexual, mas deste com sua prática sexual aliada a uma certa experiência amorosa. Tem-se assim a

estrutura enunciativa de uma interlocução confidencial. Remetente e destinatário são posições intercambiáveis na partilha de segredos que dizem respeito tanto a quem fala como a quem escuta.

Observe-se os seguintes recortes:

|12| *Tranço com ambos os sexos.*

|13| *Com homens vocês sabem, eles arreiam a calça*

|14| *e acontece vocês sabem o que*

|15| *Um amigo meu de escola me convidou para transar,*

|16| *mas foi diferente,*

|17| *ele queria ser amado por mim e ele me amaria também*

|18| *Foi o caso mais comum que podia ter acontecido em minha vida.*

|19| *Transamos como um casal na primeira noite de amor,*

|20| *ele me chupou o pênis, eu chupei o dele*

|21| *mas não por vontade própria*

|22| *não aceitamos penetração*

|23| *Outra vez numa ilha aqui... eu transei com um homem de 31 anos, paulista, branco, bonito e amigável*

|24| *Foi a transa que eu gostei mais*

|25| *Transamos ao sabor das ondas, e ao som do*

vento em nosso corpo, sobre a areia, se tocando

|26| (*romântico não?*)

|27| *Foi uma transa onde só houve amor e mais nada*

Já assinalei, no início desta análise, como determinados padrões discursivos próprios do gênero epistolar têm o efeito de tornar o destinatário cúmplice do discurso que constrói o remetente a respeito de si. Nesse jogo de cumplicidade, elabora-se o sujeito da confiança. É sob essa dinâmica de enunciação que, na sequência de recortes de |15| a |30|, o desenvolvimento narrativo da carta resvala para o relato da experiência individual.

O uso da correspondência epistolar, gênero de escritura próprio da fala de si, intervém no campo discursivo da afirmação homossexual, produzindo uma perspectiva exterior para o exercício da expressão da sexualidade. Recorrer à carta atende à demanda de tornar o prazer e o sexo que se pratica um fator de subjetivação. O *eu* que se constrói no plano da correspondência não se restringe a funcionar enquanto um lugar referencial que dá sustentação ao discurso politicamente estabelecido sobre a afirmação homossexual. Esse *eu*, sempre múltiplo e mutante, possibilita uma intervenção desestabilizadora nessa formação discursiva.

“Agora falando de mim” é o marcador nuclear de uma constelação de posições de sujeito. Por essa formulação, pontua-se uma não-coincidência entre o sujeito da afirmação homossexual (aquele que é referido) e o sujeito que diz *eu falo* (aquele que se refere). Tal sistema de perspectiva enunciativa sustenta-se e adquire sentido pela intervenção encetada também em outros discursos, prévios e co-existentes à afirmação homossexual. Trata-se dos dispositivos de sexualidade em geral,

em que se problematiza a disjunção entre sexo e afeto. Desse modo, as formulações que integram os conjuntos de enunciados podem associar-se a posições enunciativas E3, E4 e E5, mapeadas nessa sequência da carta em análise, traduzindo uma ordem correlata das seguintes posições de sujeito:

E3 (|12|, |13|, |14|, |15|, |20|, |23|) = posição do sujeito do ato sexual.

E4 (|16|, |19|, |25|, |26|) = posição do sujeito da relação amorosa.

E5 (|21|, |22|) = a posição do sujeito da responsabilidade

Nesse ponto, vê-se que acontece no decorrer do relato uma certa economia enunciativa em que as formulações se distribuem, guardando em si posições muito precisas de subjetividade. Dependendo do posicionamento, constrói-se aí um sujeito que lhe corresponde mediante dadas condições de produção. No tocante à posição da relação amorosa, vale lembrar que o contato erótico entre figuras do mesmo sexo só encontra seu espaço sob discutíveis concessões. Pode-se até admitir o sexo entre machos, mas o amor só é moralmente possível entre homem e mulher. Diz Lejeune que, no século XIX,

se o amor é homossexual não se falará nunca dele. Isso não quer dizer que a homossexualidade não tenha tido sua literatura pessoal, diários íntimos, correspondências. Nem que ele não tenha podido se exprimir à meia luz da poesia lírica.⁵

Essa brecha aberta nesse campo enunciativo torna possível narrar a experiência de ser homossexual sob variadas perspectivas e múltiplos discursos, segundo o *eu* que quer enunciar e ser enunciado — o do ato erótico, o do amor romântico ou o da responsabilidade —. Aí é que, no espaço

discursivo das cartas enviadas ao Somos, o sujeito virtual da homossexualidade confunde-se com sua própria enunciação. No exercício da escrita epistolar, é como se o movimento do enunciador não fosse senão o de enunciar, fazendo coincidir enunciado e enunciação. O que é dito e o ato de dizer são partes do mesmo fenômeno da busca de si na experiência sexual.

Observa-se uma vez mais que o apelo à cumplicidade, que permeia a concreção de sentidos, nessa seqüência, busca, ao mesmo tempo, a confirmação do sentido atribuído às experiências homossexuais relatadas e o reforço do lugar do interlocutor como confidente. Entendo que essa pareça ser a condição fundamental da revelação de si na carta.

Mas a última seqüência da carta em foco sinaliza outro posicionamento atribuído ao destinatário. Este sai da condição do confidente para re-aparecer no lugar do conselheiro.

|28| *Por favor ajudem-me*

|29| *façam tudo o que puder para me ajudar*

|30| *Escrevam-me sobre pseudônimo para minha família não descobrir tá?*

No arquivo das cartas enviadas ao Grupo Somos, não há registro das respostas aos remetentes. Entretanto, particularmente esta em análise traz no envelope dados indicativos de resposta. São dois pedidos na forma interrogativa:

— Márcia, você enviaria materiais?

— Beto, você dá apoio?

Se transcrevo aqui essas duas formulações, é para

explicitar precisamente a dimensão institucional da relação interlocutiva entre os remetentes das cartas e o Somos. É na relação com esses enunciados que |28|, |29| e |30| passam a fazer sentido. O espaço discursivo da carta se define aqui em duas direções. Por um lado, ele se mostra como um dos modos possíveis da afirmação homossexual, segundo o regime que molda a prática discursiva do movimento homossexual. Por outro, a correspondência é o espaço discursivo plausível para o sujeito que quer se mostrar sem ser visto, emergir no domínio público sem sair do privado, ou seja, confidencialmente.

Na carta em análise, observa-se que, deslocando-se de uma posição a outra, o sujeito constitui-se dizendo o que é preciso dizer relativamente a cada posição que ocupa, perseguindo o traço invisível e imaginário da fala do *Outro* — este que é a instância discursiva sustentadora e asseguradora de toda enunciação no contexto da prática homossexual.⁶

Refiro-me aqui às retomadas previamente fundadas no plano do pré-construído dos discursos de negação e de afirmação homossexual que, por sua vez, vão tecendo uma série ilimitada de retomadas. Os enunciados recortados na carta analisada são correlatos de uma memorização e de uma filiação, isto é, de uma inserção num sistema de dispersão e de re-emprego.

Para concluir

O fenômeno da heterogeneidade que se ressalta na análise revela o caráter contrastivo das posições de enunciação no percurso da escritura. Nesse jogo de diferenças, conforme o deslocamento de lugares, pode-se ver o sujeito como resultado do acúmulo de atribuições — o *eu*, ao mesmo tempo, um e muitos. Outra possibilidade é de o sujeito aparecer como efeito de uma alternância

— o *eu* é ora isto, ora aquilo.

A primeira dinâmica de formulações de sujeito, Orlandi concebe como *pluralidade mostrada das identidades*.⁷ O termo é criado pela autora para descrever o processo enunciativo em que, através da formulação oral de seus mitos, o “índio assurini identifica-se sob um paradigma múltiplo, que pode ser glosado “*eu sou isto e aquilo*”. Para análise da dinâmica de posições enunciativas na carta em questão, adoto a segunda possibilidade, que é minha reformulação da proposta de Orlandi. O mecanismo de referência a si se dá sob a égide do “*isto ou aquilo*”, daí ser mais pertinente descrever esse processo como *pluralidade atribuída das identidades*.

Do ponto de vista da enunciação da sexualidade, nesse plano, pode-se entrever um lugar pontual de não-coincidência entre o público e o privado. Diferentemente da heterogeneidade que constitui o sujeito na esfera privada da escritura epistolar, as formulações acerca de si no espaço discursivo da afirmação homossexual pautam-se pela ilusão da coerência e da continuidade física e psíquica, signos distintivos da noção de identidade, conforme assinala Michel Pollak.⁸

Sob esse aspecto, é que o processo de identificação, no caso do sujeito da prática homossexual, está submetido a múltiplos circuitos enunciativos. O problema para a emergência do sujeito é não se deixar capturar por fluxos indesejáveis de significação. Maingueneau afirma que

o dizer (...) torna-se indiscernível de um interdizer específico. A enunciação não se desenvolve sobre uma linha de uma intenção fechada sobre seu próprio querer, ela é parte a parte atravessada pela ameaça do deslize no que não é preciso dizer, no que não é preciso dizer sobretudo, cuja presença ao mesmo

tempo invasora e invisível duplica constantemente a enunciação legítima no momento em que ela surge.

Vê-se que o processo de revelar a si como homossexual se dá na fronteira constitutiva que põe em relação diversas posições de sujeito. Buscar nesse processo uma identidade significa submeter-se a uma dinâmica em que as palavras escapam a um lugar estável de enunciação e funcionam sempre num limiar enunciativo, ou num espaço entre vários dizeres.

Tal é a dinâmica enunciativa que se pode depreender sobretudo na seqüência de enunciados recortados nos conjuntos E3, E4 e E5. Aí as dispersas posições de sujeito redundam no texto da carta efeitos de descontinuidade na seqüência narrativa, na medida em que os sentidos da “transa”, isto é, da relação homossexual relatada na carta, colocam-se mutuamente em xeque. Ante as vicissitudes dos encontros eróticos, as posições enunciativas nunca podem coincidir na determinação de categorias de identificação do sujeito da homossexualidade.

O que se põe em questão, diante da possibilidade de dizer-se homossexual, é a necessidade de retomar a posse de uma certa forma de identidade, aquela que Michael Pollak propõe definir como “imagem de si para si e para os outros”, na qual a coerência e a continuidade individuais, físicas e psíquicas, formam seus signos distintivos.

Bourdieu vê nas formas de referência a si um recurso para abarcar essa identidade única e total que sempre permanece inapreensível.⁹ É exatamente a unidade de uma narrativa totalizante que permite esse efeito ilusório de uma exteriorização de um eu unificado. Para tanto, a confissão, tomada aqui enquanto modalidade de enunciação, cumpre sua finalidade em uma dimensão eminentemente afirmativa.

O traço fundamental do ato de confessar é o de resguardar o *coming out* no âmbito institucionalizado do segredo. O que se delinea é um território de interioridade, continente fechado a tudo o que lhe é exterior. Valho-me aqui da do trabalho de Alois Hahn sobre a história da confissão.¹⁰ A confissão constitui um modelo técnico de desvelamento e velamento de si que historicamente se estende, conforme observa Hahn, para domínios outros como a psicanálise moderna. Aí, a posição do confessor é preenchida pelo analista que tem a função necessária de aclarar o segredo de si e tirá-lo do inconsciente.

A reflexão de Alois Hahn serve-me sobretudo para elucidar o que tem de caracteristicamente confessional a análise da correspondência enviada ao Somos. Nesse movimento tenso entre segredo e revelação, manifestação e ocultação, controle de si e confissão, Hahn vê funcionar um mesmo processo que “explicita e encoraja objetivos religiosos, terapêuticos e políticos, e que tem por resultado as singulares auto-domesticações que caracterizam a modernidade”.

O curioso é que os atos de desvelar-se e velar-se descrevem diferentes modos de enunciação, conforme a forma confessional ou confidencial da interlocução. Esta relação contraditória verifica-se também na dimensão institucional. Como em outros domínios, nos quais a confissão é adotada como modo de falar de si, institucionalmente também o Grupo Somos é o espaço-fonte que abre campos de sentido e incita a falar.

Se há, como quero propor, diferença entre confessar e confidenciar, de que forma pode se localizar e ponto dessa distinção? Diferentemente das práticas confessionais que Alois Hahn tem em conta, a garantia da manutenção do segredo, na relação do Somos com seus remetentes, está dada na dinâmica de uma abordagem de si entre iguais. Mostra-se aqui com maior clareza o que distingue e o que confunde as duas modalidades de

enunciação de si.

O ponto de distanciamento está no estatuto dos interlocutores: na confissão, aquele que escuta está juridicamente revestido de um poder em relação ao confessante; queremos dizer que no âmbito jurídico a manutenção do segredo não está garantida. No caso da prática homossexual, podemos supor um regime político mais controlador da vida dos indivíduos em que a referida prática seja configurada como um crime.

Conforme mostrou a análise apresentada neste artigo, no plano confidencial, os pólos da relação interlocutiva constituem-se e se definem, no quadro da correspondência dirigida ao Grupo Somos, pela reciprocidade. É certo que, como na confissão, o Somos, dada sua inserção ideológica enquanto porta-voz de um movimento político e social, detém o poder de incitar a falar, mas, ao mesmo tempo, representa a figura do interlocutor com quem é possível manter uma relação de reciprocidade, ou seja, a relação em que o dizível é contornado no limite de mútuo espelhamento, entre o que se dispõe a escutar e o que deseja falar. Importa assinalar ainda o valor de verdade que adquire os relatos confidenciais em sua inscrição institucional no discurso da afirmação homossexual.

De algum modo, é possível pensar que historicamente a confissão institui-se no domínio propriamente religioso como um espaço inviolável da enunciação de si tal como mostrou Alois Hahn. O que se percebe é que a emigração da prática confessional, enquanto exercício de elaboração de si para outros domínios sociais como a psicologia, a pedagogia, a polícia, coloca em jogo essa inviolabilidade do segredo, constitutiva da confissão. Isso se torna ainda mais perceptível em situações de perseguição, sobretudo como as que sofreram os judeus na época de Hitler. Nesse contexto, a gestão do falar de si, conforme o estudo de Pollak, é

fator fundamental de sobrevivência.¹¹ Manifesta-se aí o rito confidencial como forma mais garantida da manutenção do segredo cuidadosamente administrada nos gêneros de escrituras íntimas como cartas, diários, memórias e outras variantes.

Se pensarmos que a ordem discursiva da afirmação homossexual, tal como era preconizada pela prática política do Grupo Somos, impunha a publicidade da vida privada, podemos conceber as cartas pessoais como o ponto estratégico de uma economia do imbricamento entre as esferas pública e privada. O problema era como expor-se publicamente sem abrir mão da reserva e do segredo. Certamente, muitas saídas foram inventadas para responder a esta questão. Michael Pollak mostrou como, nas décadas de 70 e 80, os homossexuais criaram estilos de vida que permitiam multiplicar suas subjetividades conforme as ordens de inserção de suas práticas sociais — o emprego, a moradia, a casa dos pais e os locais de encontro e partilha de sentimentos e experiências íntimas.¹²

O regime enunciativo aqui subjacente determina que para cada lugar e momento só é possível a manifestação de uma forma-sujeito. As restrições impostas à homossexualidade obrigaram os homossexuais a impor-se uma economia de expressão. Ainda nos dias atuais, não se pode revelar de si qualquer coisa, em qualquer lugar, com não importa quem.

Nesse contexto, a escritura epistolar tem correlação com algo pertinente à enunciação da sexualidade no domínio privado da intimidade. O gênero da carta aqui não é usado inocentemente. Angelina Goreau observou a relação entre a carta e a sexualidade feminina, mostrando como esse tipo de escrito funciona entre as mulheres da Inglaterra do século XVII como forma do discurso da intimidade, do recato e da reserva.¹³ Era a única modalidade de escritura em que a mulher podia revelar a si sem escapar do domínio privado. Quando não se

tratava de cartas, diários íntimos, os textos literários escritos por mulheres só podiam ser publicados com pseudônimos.

Interessante observar aqui a reincidência histórica do mesmo fenômeno. Entre os homossexuais, a carta é mobilizada como estratégia enunciativa do excluído. Conservando o estatuto privado e íntimo que tinha no antigo regime, o gênero epistolar funciona vinculando, em sua materialidade enunciativa, o público e o privado da sexualidade, já que se expor enquanto sujeito de uma prática sexual é, no quadro histórico de produção da correspondência ao Somos, condição da afirmação.

NOTAS

1. Pedro de Souza, *Confidências da Carne: o público e o privado no discurso de afirmação homossexual*. Campinas: Unicamp (no prelo).
2. V., principalmente, M. Foucault, "Por una Genealogia del Sujeto". In: *Foucault y la Etica* (seminário dirigido por Tomas Abraham). Buenos Aires: Biblos, 1982.
3. Eni P. Orlandi, *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.
4. Dominique Maingueneau, *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
5. P. Lejeune, "Le pacte autobiographique". In: *Revue de théorie et d'analyse littéraires*. Paris: Seuil, 1973.
6. Assinalo *Outro* com maiúscula para aludir, conforme propõe Pecheux, a uma ordem ideológica de determinação que escapa à consciência do remetente. M. Pecheux, "Delimitações, inversões, deslocamentos". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 19. Campinas: Unicamp, 1990, pp.7-24.
7. Eni P. Orlandi, "O Sujeito-Índio e o seu texto: um mito assurini". In: *Terra à Vista*. São Paulo: Cortez, 1990.
8. M. Pollak, "La gestion de l'indicible". In: *Actos de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 62/63. Paris: Minuit, 1986.
9. Pierre Bourdieu, "L'illusion Biographique". In: *Actes de La Recherche*

en *Sciences Sociales*, nº 62/63. Paris, Minuit, junho de 1986.

10. V., principalmente, Alois Hahn, "Contribution à la sociologie de la confession et aïtres formes intititutionnalisées d'aveu: autothématisation et processus de civilisation". In: *Actes de La Recherche en Sciences*. Paris: Minuit, 1986.

11. M. Pollak, op. cit., 1986.

12. M. Pollak, *Os Homossexuais e a AIDS: Sociologia de uma Epidemia*. São Paulo, Estação Liberdade, 1990.

13. Angelina Goreau, "Duas Inglesas do Século XVII". In: *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.